

Fluxos do Local para o Global: os laços transnacionais construídos entre os catarinenses e a região de Boston (Estados Unidos) no início do século XXI

Gláucia de Oliveira Assis - UDESC

Resumo: Nesse início de século, as imagens e notícias de brasileiros que partem de cidades médias no Brasil, como Criciúma, Governador Valadares, Londrina, para tentar a vida em New York, Boston, Barcelona ou Londres, revelam um novo movimento da população brasileira. Esse movimentos migratórios ocorrem num mundo considerado cada vez menor, pela compressão do espaço pelo tempo, como consequência da melhoria dos meios de comunicação, transporte e informática. Nesse contexto, as relações entre aqueles que partiram e aqueles que permaneceram, os investimentos na terra natal, os movimentos de mão-de-obra se processam de maneira mais intensificada apontando para o contexto transnacional destes fluxos. Neste artigo pretendemos discutir essas conexões entre “aqui” e “lá” a partir dos laços transnacionais construídos entre a cidade de Criciúma (SC) e a cidade de Boston (EUA). A pesquisa seguiu o percurso dos emigrantes e realizou-se nos dois lugares envolvendo observação participante da vida cotidiana nas cidades e de relatos orais de emigrantes e seus familiares. O objetivo foi demonstrar como os deslocamentos de homens e mulheres tem sido vivenciados de maneiras distintas e transformado o cotidiano das cidades, reconfigurando espaços e identidades.

Palavras-chave: migrações contemporâneas, memória, redes sociais, Criciúma

A configuração dos fluxos de criciumenses para os Estados Unidos

“Os imigrantes, quando aqui chegaram, eram colonos.
A primeira geração foi para a cidade,
a segunda geração foi para a universidade,
e a terceira geração foi buscar o mundo¹”

Criciúma, assim como Governador Valadares (MG), é uma cidade de importância na econômica para a região sul do estado. A cidade de está localizada ao sul do estado de Santa Catarina e distante de Florianópolis 190 Km (via BR 101). Criciúma foi fundada em 1880, por um contingente de 22 famílias de imigrantes que vieram, sobretudo, da região norte da Itália, especialmente de Treviso, Beluno e Cremona. A partir de 1890 chegaram a Criciúma em torno de 12 a 15 famílias de imigrantes poloneses e algumas famílias de imigrantes alemães que se dirigiram para a zona leste/nordeste da vila de Criciúma, que corresponde às comunidades da Linha Batista, Linha Anta e Linha Cabral. Mais tarde, por volta de 1912, os imigrantes alemães dirigiram-se para a região de Forquilha (Fundação Educacional de Criciúma, 1976).

¹ Derley De Luca organizadora da festa da Família De Luca – terceira geração de descendentes de imigrantes italianos.

Nos relatos sobre a fundação da cidade foram se construindo narrativas onde a imagem do imigrante pioneiro era valorizada e destacada, pois são representados como aqueles que vieram colonizar a região e trazer a civilização. É importante observar que os relatos sobre a história da cidade enfatizam a imagem heróica do pioneiro. Dessa forma, mesmo sendo a família o núcleo colonizador da região, a história da ocupação era contada a partir dos homens, e as mulheres eram tratadas como aquelas que acompanham os maridos ou que cuidam dos filhos (Assis e Geremias, 1999). A partir do desenvolvimento da mineração, no início do século XX, a narrativa étnica de formação da cidade aparentemente foi deixada de lado e a cidade passou a ser representada como a cidade do carvão.

Nos anos que se seguiram à colonização, segundo Volpato (1989, p.56), “aos imigrantes italianos, poloneses e alemães, juntaram-se novos grupos étnicos: os lusos e negros vindos de Imbituba, Laguna e Tubarão, que vieram como operários na estrada de ferro e depois foram os primeiros trabalhadores nas minas de carvão. As famílias mais pobres de agricultores, aquelas que não tiveram sucesso no comércio, também trocaram a agricultura pela mineração.

Ao analisarem o processo de desenvolvimento da cidade, a partir da mineração, Volpato (1989), Nascimento (1993) e Teixeira (1996) criticam a historiografia local, destacando que o contingente populacional que imigrou para a cidade significou não apenas a urbanização e o crescimento desta, mas também o surgimento de uma classe operária que, juntamente com os pequenos agricultores que não conseguiam manter-se no campo, tornaram-se a marca de um desenvolvimento que ocorreu de maneira desigual, privilegiando as elites econômicas locais. O crescimento da cidade atraiu imigrantes que, em função da proliferação das minas, chegavam à cidade em busca do “eldorado do ouro negro”. Eram famílias de pequenos agricultores ou pescadores originários de pequenos vilarejos da região sul do estado, homens e mulheres que constituíram a classe operária mineira. Tais imigrantes eram, em grande parte, provenientes de outras regiões do estado e ampliaram o contingente da população negra e açoriana que havia na região. Devido à forte mobilização dos mineiros e da constituição de um movimento sindical consolidado, a região foi considerada por alguns autores o ABC² de Santa Catarina.

Com isso, o panorama econômico e social da cidade, que mais tarde seria conhecida como a “Capital Nacional do Carvão”, tornou-se bastante diversificado. A economia pôde contar com o apoio do Estado, que se comprometia com a compra de grande parte do carvão

² Teixeira (1996) refere-se à comparação com a região siderúrgica do ABC, no estado de São Paulo, que se caracterizou no final da década de 1970 e início da década de 1980 por um forte movimento sindical.

extraído; a cidade, por sua vez, recebeu um considerável fluxo migratório de trabalhadores vindos de toda a região sul do estado para o trabalho de extração nas minas.

Em meados da década de 1980, o setor carbonífero deu os primeiros sinais de uma crise, a qual se agravaria na década de 1990 com o governo de Fernando Collor (1990-1992).

A crise econômica enfrentada pela cidade, iniciada no final da década 1980 e agravada na década de 1990, aponta para uma das razões que tornaram a cidade ponto de partida de inúmeros emigrantes em busca de trabalho nos Estados Unidos ou na Itália, embora não possamos reduzir a migração às motivações econômicas. Como demonstrarei nos tópicos seguintes, a emigração para a Itália e para os Estados Unidos também está associada ao imaginário presente na cidade, o qual constrói uma conexão entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente, mas principalmente ao desenvolvimento e ao amadurecimento de redes sociais ao longo do processo migratório.

A cidade de Criciúma, ao longo destes 120 anos, foi reconstruindo os significados para os imigrantes e a migração. No entanto, é a partir de meados dos anos 1980 que se intensifica o movimento de revalorização das várias etnias que formam a cidade, particularmente da etnia italiana. Nas décadas de 1980 e 1990, através de convênios com algumas regiões da Itália, os descendentes dos imigrantes realizam um movimento de busca pela cidadania européia e, por isso, vários deles partem para a Itália a fim de reencontrar seus parentes, tal como os italianos vêm conhecer “um pedacinho” da Itália no Brasil. A dupla cidadania abre o mercado de trabalho para os descendentes dos imigrantes na comunidade européia. Esse “retorno” à terra dos nonos e nonas pode ser considerado o início do movimento migratório de Criciúma (ASSIS, 2004)

Os descendentes migravam para trabalhar temporariamente em cidades italianas e iniciaram assim o *caminho inverso*³ já que os descendentes cricumenses estariam voltando para a terra de seus bisavôs (Savoldi, 1999). Esses trabalhadores temporários são reconhecidos pelos consulados italianos e, pelo fato de possuírem o passaporte italiano, podem trabalhar legalmente na Itália ou em outros países europeus. Nesse encontro de culturas, os emigrantes temporários surpreendem-se quando chegam à Itália e são reconhecidos como brasileiros/estrangeiros. Por isso, os cricumenses, quando chegaram à Itália para trabalhar e perceberam “certo preconceito”, descobrem que afinal não estavam voltando para a terra de seus avôs, e sim chegando como trabalhadores migrantes.

³ A expressão é utilizada para se referir ao “retorno” dos descendentes dos imigrantes que chegaram à cidade de Criciúma no final do século XIX para a terra de seus nonos. Os descendentes buscam a cidadania italiana para poder entrar na Europa e trabalhar legalmente.

A partir dos anos 1990, o fluxo diversifica-se, e os criciumenses passaram a utilizar a dupla cidadania para emigrar para os Estados Unidos. Entretanto, a emigração para esse país tem características distintas, uma vez que, diferentemente da migração para a Itália, os migrantes não partem para os Estados Unidos com uma documentação que lhes permita trabalhar, tornando-se, assim, imigrantes indocumentados no país de destino.

O duplo direcionamento de emigração instigou-me a pensar nas representações construídas em torno do desejo de ir para os Estados Unidos ou para a Itália. Ao longo da pesquisa, constatei que o projeto de emigrar envolvia dois imaginários: um primeiro estaria ligado ao passado, com os emigrantes tentando refazer a trajetória de seus tataravôs voltando para a Itália, percorrendo o caminho inverso; um segundo estaria ligado ao presente e ao sonho de milhares de brasileiros que partem para os Estados Unidos, desde meados dos anos 1980, para “fazer a América”. Na cidade, esses dois imaginários estão presentes e contribuem para construir um imaginário positivo para os novos emigrantes criciumenses.

No final do século XX, Criciúma tornou-se um ponto de partida de emigrantes para a Europa e para os Estados Unidos. Embora grande parte desses emigrantes informe que tem ascendência italiana, o movimento de criciumenses, assim como os migrantes valadarenses, dirige-se majoritariamente para os EUA nas regiões da grande Boston (MA), concentrando-se nas cidades de Lowell, Somerville e Everett e para algumas cidades da Itália.

Como demonstram os relatos dos emigrantes, a emigração para a Itália e para os Estados Unidos também está associada ao imaginário presente na cidade, o qual constrói uma conexão entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente, mas principalmente ao desenvolvimento e ao amadurecimento de redes sociais ao longo do processo migratório.

Os pontos iniciais das redes: a primeira conexão Criciúma-EUA

Os emigrantes dos anos dourados

No período pós-guerra (1945), um novo modelo produtivo agropecuário foi implantado no Brasil, sob o comando do capital, com forte influência norte-americana, visando superar o “atraso” na agricultura. Para “educar” os agricultores a utilizar novas técnicas produtivas e aumentar a produção, foi implantado aqui em Santa Catarina um projeto chamado Clubes 4-S. A sigla significa “Saber, Sentir, Servir e Saúde”, e os clubes foram implantados no estado a partir de 1957, através da ACARESC, órgão responsável pela implantação e desenvolvimento das atividades extensionistas da agricultura no estado. Estes clubes que atingiram seu auge em 1970 eram voltados à educação de jovens agricultores, e promovia o intercâmbio desses com

outros jovens agricultores americanos, assim os brasileiros podiam aprender novas técnicas nos Estados Unidos, e os jovens americanos que vinham aqui morar por podiam passar as técnicas conhecidas às pessoas que o estavam recebendo.

No sul de Santa Catarina o Clube 4-S trouxe os americanos e sua cultura ainda mais perto dos criciumenses, criando vínculos entre essas pessoas, além de servir como um painel de divulgação da modernidade americana, como é possível observar no jornal Tribuna Criciumense, de 21 a 28 de agosto de 1965, que conta a história de Bob Harter, um americano que antes de ir embora disse que nunca esquecerá Criciúma e seu povo. No mesmo jornal, na edição de 11 a 18 de setembro de 1965, encontramos a história de Ilma Arna, uma criciumense que foi estudar técnicas agrícolas nos EUA. Além dessas viagens promovidas pelos 4-S, haviam ainda os intercâmbios estudantis promovidos pelo Rotary Club, que tornaram-se comuns a partir de 1960 (Santos, 2007).

Na década de 1960 houve ainda uma difusão da cultura norte-americana no Brasil, que foi cuidadosamente elaborada pelo governo estadunidense com o objetivo de aproximar e fazer a classe média brasileira consumir os produtos da cultura norte-americana (Santos, 2007). O *american way of life* passou a ser difundido para as massas logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, numa tentativa dos EUA de ter o Brasil como parceiro econômico e militar. Vemos nessa época uma série de produtos nascidos nos EUA serem transportados para o Brasil, como o programa Vila Sésamo (programa originalmente americano), a boneca Susi (cópia da boneca Barbie), quadrinhos Disney e o cinema americano (o cinema foi inaugurado em Criciúma ainda em 1950).

No jornal Tribuna Criciumense, em 1965, semanalmente uma coluna intitulada “Isto é fato” apresentava informações sobre os EUA, como informações sobre novas tintas de parede ou como usar um chapéu de “cowboy” (Santos, 2007). Conforme consulta de Santos (2007), em 1965 cerca de 80% das notícias internacionais e propagandas presentes naquele jornal foram dedicadas aos EUA.

Ainda na década de 1960 a economia da cidade se torna mais dinâmica, graças à implantação da indústria cerâmica, gerando algo em torno de 15.000 empregos na época (AMREC, 1999 apud Santos, 2007). Percebe-se aí também um incremento das viagens aos Estados Unidos, mas é claro que apesar do fascínio pelo avião, nem todos tinham as condições financeiras para fazer tais viagens. Mas na cidade existia uma nova elite carvoeira e cerâmica, além de uma classe média urbana, que podia adquirir os bens da modernidade e viajar como turistas aos EUA e esse estilo de vida de classes mais abastadas era difundido pela mídia às demais classes. Para se ter uma idéia de como foi se formando um imaginário na

cidade sobre os Estados Unidos, uma “proximidade”, uma falta de estranhamento em relação àquele país, num desfile de 7 de setembro em 1976 um menino foi fantasiado de Mickey Mouse (Campos, 2003).

Muito curiosamente, esse imaginário, essa propaganda, por muitas vezes é o suficiente, por si só, a estimular esse desejo de migrar. Numa entrevista concedida à Gláucia de O. Assis em 2008, um criciumense, Aldir (nome fictício) que nasceu em 1966 e migrou para os EUA, em 1992, deixa claro como isso funciona:

Gláucia: Só aproveitando isso que você falou sobre ir para os EUA, quando você fala que não é só o dinheiro, essa história de você falou de colocar o homem na lua, do cinema...

Aldir: Lógico, é uma ilusão, mas não deixa de ser, o ser humano vive de um pouco de ilusão, não é verdade? De sonhar... Não é tão...

Gláucia: Tentando pensar no que você está falando, o que significa dizer que não era só o dinheiro? Qual era o sonho?

Aldir: Daquele sonho de menino lógico, daqueles filmes que eu via assim, puxa vida, é tudo tão maravilhoso lá, eu quero ver isso de perto, não posso ficar assim, de viver uma vida sem ver isso! Pra mim não fazia sentido, não fazia sentido. Então, é isso...

Gláucia: Você veio atrás do seu sonho?

Aldir: Eu vim atrás do meu sonho, pode-se dizer que sim. Quando eu era menino eu sempre falei, sempre tinha essa...

Gláucia: Sempre teve vontade.

Aldir: Sempre tive vontade.

Gláucia: Nunca quis ir pra Itália, Portugal?

Aldir: Não, eu sempre dizia eu vou para os Estados Unidos, eu vou um dia parar no Canadá, porque é perto, do lado tal, na minha cabeça de moleque era quase que a mesma cultura.

Aldir no seu depoimento fala da lembrança de quando os Carminati retornaram à cidade de Criciúma, de suas boates, da imagem de imigrantes bem sucedidos que representavam e das informações que através deles começaram a circular. Jaci Carminati, é considerado por alguns como o pioneiro nessa emigração para os EUA. Jaci estudou em um seminário em Minas Gerais e lá ficou amigo de um rapaz que posteriormente migrou para os EUA. Jaci, então, foi para os EUA em 1966, buscando a ajuda desse amigo para encontrar trabalho. Já estabelecido naquele país, Jaci encontrou emprego para seu irmão, Dino Carminati, que foi em 1969. Numa entrevista concedida em 2008, Dino conta na época era muito fácil conseguir um *green card* e ficar em situação legal no país, bastava comprovar que

tinha um emprego nos EUA para ganhar o visto. Dino conta na entrevista que na época que ele chegou nos EUA, ele já tinha conhecimento de 5 brasileiros morando só naquela cidade, Manchester, na grande Boston, sendo que um deles havia sido levado por Jaci. Dino também dá detalhes de uma viagem que ele e seu irmão fizeram de carro dos EUA até Criciúma em 1970, sendo que durante essa viagem, a mesma ia sendo reportada pela rádio local na época e que foram recebidos com uma grande festa assim que chegaram na cidade. Seguindo a trajetória deles que emigram as primeiras mulheres de Criciúma, Neide e Mirce que partiram para se encontrar com os maridos, após se casarem no Brasil. Elas viajaram juntas com 21 anos, no início dos anos 70.

Neide e Mirces permaneceram nos EUA até início da década de 1980, quando retornaram ao Brasil com seus maridos e filhos. Segundo relato de Dino Carminati, a esposa Mirces, trabalhava numa fábrica e tiveram dois filhos, mas ela não conseguiu ficar nos EUA mais tempo porque sentia saudades da família no Brasil. Mirces se naturalizou, com objetivo de facilitar a emigração de seus parentes, contudo apenas um irmão emigrou. Dino relata que naquela época não havia muito gente com interesse de ir para os EUA. No retorno, os irmãos montaram três boates na cidade de Criciúma e na praia do Rincão. Enquanto os irmãos montaram casas noturnas, a sua esposa, Mirces montou uma escola de Inglês e não retornou mais para os EUA. A esposa de Jaci Carminati, Neide montou uma loja de venda de roupas trazidas dos EUA, em Criciúma. Enquanto as mulheres valadarenses emigraram solteiras para procurar a autonomia financeira nos EUA, as primeiras mulheres emigrantes de Criciúma partiram para se encontram com seus maridos e lá trabalharam e constituíram suas famílias. Nesse sentido, podemos considerar que o movimento de emigrantes de Criciúma e Governador Valadares mantém um padrão semelhante ao de outros movimentos migratórios internacionais, nos quais há predomínio dos homens no início do movimento.

Um migrante puxa o outro - as redes sociais dos migrantes criciumenses

No início da década de 90, que o fluxo esporádico de criciumenses rumo aos EUA e Itália se constituirá num fluxo contínuo. Com o passaporte italiano na bagagem os descendentes começaram a se direcionar não para a terra de céus nonos, mas continuaram a fazer “América” dessa vez rumo aos EUA. O caminho que grande parte dos migrantes, portanto, não é de “retornar” à terra dos seus, mas “fazer a América”, mobilizando, muitas vezes, as lembranças e memórias dos imigrantes que vieram para o Brasil na virada do século

XIX. Como relata Anita Baily⁴ (47 anos, descendente de imigrantes italianos, quatro anos nos Estados Unidos),

A maioria dos imigrantes que estão aqui tem alguma coisa disso com eles [nonos] [...] Hoje nós estamos aqui [Estados Unidos] como imigrantes da mesma forma quando eles estavam lá [Brasil]. É diferente, porque aqui é um país de Primeiro Mundo, nós viemos para a cidade, eles foram para o mato, para a colônia. Nós deixamos o Terceiro Mundo para vir para o Primeiro. Mas isso não muda o fato de sermos imigrantes.

O relato de Anita e de outros descendentes nos Estados Unidos revelam como o passado migratório é acionado pelos migrantes, o que demonstra uma conexão com o presente. Embora atribuam um significado ao fato de migrarem para o chamado “Primeiro Mundo”, fica evidente no relato a percepção da condição de trabalhador migrante. A dupla cidadania torna-se uma estratégia de migração para os criciumenses e ressalta a ligação com os imigrantes do passado, valorizando a migração no presente como um recurso, uma possibilidade de batalhar por uma vida melhor. É assim que Anita, depois da separação de um casamento de mais de 20 anos, decidiu migrar para mudar de vida e se encontrar com a filha que já se encontrava nos Estados Unidos.

Os primeiros criciumenses partiram rumo aos Estados Unidos em meados da década de 1960, mas é no início dos anos 1990 que esse fluxo torna-se significativo tanto para aqueles que partiram quanto para aqueles que ficaram na cidade, criando-se, assim, um campo de relações transnacionais que começa a ser observado no cotidiano da cidade. É interessante observar que homens e mulheres emigram em momentos diferentes e em proporções diferentes, o que revela um processo atravessado por atributos de gênero e parentesco.

O período que compreende de 1970 até 1989 corresponde a apenas 5% do total das viagens dos criciumenses em direção aos Estados Unidos ou à Europa. Foi na virada dos anos 90 que eles começaram a voar em direção ao exterior, ocorrendo um crescimento contínuo do número de primeira viagem nos anos de 1993 (com 4,9%) e 1994 (com 6,0%) do total das viagens. Esses dados foram os primeiros indicativos de que a migração esporádica estava tornando-se um movimento contínuo de migrantes. Esse período corresponde exatamente ao que é conhecido na cidade como a “crise do setor carbonífero”, período em que o setor perdeu os subsídios governamentais e enfrentou a concorrência com o carvão mais barato e de melhor qualidade vindo do exterior. Ao analisarmos o período de 1998 a 2000,

⁴ Como se trata de uma migração indocumentada, para preservar a identidade das entrevistadas, todos os nomes que aparecem nas entrevistas são fictícios.

percebe-se que 48,4% do total realizaram sua primeira viagem nesse período, assim distribuído: 12,5% em 1998, 17,2% em 1999 e 18,7% em 2000 (ASSIS, 2004)

Assim, diferentemente dos emigrantes de Governador Valadares, que realizaram 40,8% das primeiras viagens nos períodos de 1987 a 1989 (Fusco, 2001), poderíamos dizer que o “triênio da desilusão⁵”, na região de Criciúma, ocorreu 10 anos depois. Como os dados de 2001 referem-se apenas ao primeiro semestre, não representam o ano, mas indicam a tendência ascendente da emigração na cidade, pois sendo computados apenas o período de janeiro a julho encontram-se 13,4% do total das viagens.

O carvão começa a entrar em crise durante a década de 80 progressivamente até atingir seu ápice em 1992, quando o Governo Collor corta os subsídios do carvão, deslocando o contingente de trabalhadores carboníferos para outras atividades. Em 1993 temos a privatização da CSN, gerando mais alguns desempregos.. Dos 10.989 empregos gerados pela indústria carbonífera em 1984, somente 2.275 permaneceram em 1994 (AMREC, 1999:311 apud Santos, 2007). Os dados do Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho apontam para uma redução de 21% no número de empregos formais na cidade entre 1989 e 2000 (Gazeta Mercantil, 2 de agosto de 2001 página A-6)

Paralelamente à queda da indústria do carvão, a da cerâmica produziu como nunca, porém devido à utilização de modernas técnicas, não foi capaz de absorver a mão-de-obra que sobrou da indústria carbonífera, resultando em um grande exército industrial de reserva. A crise da indústria cerâmica também aconteceu mais tardia que a do carvão, porém, após 1990. Entre os motivos dessa crise podemos destacar o racionamento de energia no Brasil, a alta dos juros e a crise interna da Argentina, que era grande compradora das cerâmicas brasileiras. No livro “Brasileiros longe de casa”, Salles (1999, p. 14) já nos diz que “Começamos a fugir assim da chamada 'década perdida' pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais”.

Durante a década de 80, nas comemorações de 100 anos da cidade de Criciúma, houve uma grande força em (re)contar a história da cidade, revalorizando o papel das etnias na construção da cultura local. “Descobriu-se” que a cidade não era só de mineiros, mas também de italianos, alemães, poloneses... (Campos, 2003). Santa Catarina na mesma época também assiste à criação de outras festas étnicas, como a Oktoberfest em Blumenau. Nesse contexto começa um movimento de valorização da “italianidade”, através de festas típicas, da

⁵ Sales (1999a) denominou “triênio da desilusão” o período – entre os anos de 1987 a 1989 – quando milhares de brasileiros deixaram o país decepcionados tanto com a política econômica, quanto com a situação política.

criação das associações italianas e do mapeamento das árvores genealógicas das famílias. Em 1989 a prefeitura organiza a primeira Festa das Etnias, pautando-se na seguinte justificativa:

“Entendendo que um povo sem memória é um povo sem referência para construir um futuro, o projeto Criciúma Criança cuidou de criar espaços para o desenvolvimento de ações integradas de resgate valorização e preservação de heranças culturais de cada raça que forma a diversificação cultural étnica de Criciúma. Procurou incrementar uma mobilização cultural onde o pluralismo étnico pudesse encontrar na integração o seu denominador comum. Assim é que em 5-6-1989 foi criada a quermesse de tradição e cultura...” (Campos, 2003)

Ao longo da década de 1980 os descendentes de italianos foram estimulados a obter a dupla cidadania, pois haviam certos convênios com algumas regiões da Itália para facilitar um intercâmbio entre esses países a fim de que os italianos pudessem conhecer essa pequena Itália no Brasil e os brasileiros pudessem conhecer a terra de seus antepassados, num movimento de “refazer o trajeto de seus antepassados” (Assis, 2004). Esse visto italiano também abria para os brasileiros a oportunidade de trabalhar na União Européia. Esses primeiros migrantes eram pessoas que “se descobriram” italianos após essa valorização cultural promovida na década de 1980 e que já estavam desencantados com o Brasil (Assis, 2004). Essas também eram em sua maioria as mesmas pessoas que perderam seus empregos devido à crise econômica da cidade e diante da escolha entre migrar e ter um trabalho informal (vender pipoca, vender “muamba do Paraguai”...) decidiram migrar.

A Itália, entretanto, no início da década de 1990 já não era tão atrativa economicamente, a moeda era desvalorizada e segundo Fillini (Santos, 2007) o italiano tratava mal o brasileiro que chegava lá para trabalhar. Ainda segundo Fillini, os italianos não reconheciam nos brasileiros que lá chegavam a italianidade que eles alegavam ter. Muitas pessoas, entretanto, usavam das vantagens de possuir dupla cidadania para conseguir entrar nos Estados Unidos livremente, pois italianos tinham entrada garantida para fazer turismo (num prazo de até três meses) nos Estados Unidos. Uma vez nos Estados Unidos, os criciumenses consideram que o fato de aparentarem ser mais brancos que os demais brasileiros, pode conceder alguma vantagem étnica, conforme este relato de uma Criciumense (nome fictício) morando nos EUA, concedido a Gláucia de O. Assis em 2002:

Gláucia: Carteira de motorista?

Alessandra: É a internacional.

Gláucia: Você tem a da ONU?

Alessandra: Não, eu tenho a internacional do Brasil.

Gláucia: E nunca te deu problema?

Alessandra: Não, nunca. Nunca fui parada, eles pensam que como eu sou clara eu sou americana.

Gláucia: E você acha que para você facilita?

Alessandra: Bastante. No serviço tinha uma menina que veio falar comigo em inglês, mas ela estava com muita dificuldade. Eu disse para ela que era brasileira e falava português, ela se espantou e me disse que pensava que eu era americana. A maioria pensa que nós não somos brasileiras. As minhas filhas é a mesma coisa.

Nessa época, a cidade de Governador Valadares – MG, já desenvolvia uma complexa rede de relações que conectava algumas cidades da região de Boston à vida cotidiana dos valadarenses. Criciúma observamos a configuração desses laços que conectam a origem e o destino - as redes sociais – que constroem vínculos emocionais e as trocas de informações e ajuda entre as pessoas que já estão no local de destino e aquelas que estão partindo. São as pessoas que já estão “lá” (EUA) que servem como referenciais, um porto seguro, que ajuda os migrantes recém- chegados a encontrarem um lugar para morar ou o primeiro emprego. Essas redes estimulam o fenômeno migratório, e podemos perceber como elas funcionam através de depoimentos e entrevistas de migrantes, como neste, onde a entrevistada (criciumense morando nos EUA) quando questionada por Gláucia de O. Assis sobre deixar os irmãos no Brasil ao migrar para os EUA, deu a seguinte resposta:

“Um deles veio junto comigo. Ele disse: 'Neide (nome fictício) tu vai mesmo?' Eu disse que sim e ele disse: 'Então eu vou junto, eu não vou deixar você ir sozinha para lá'. Ele veio e trouxe a família.”.

Na mesma entrevista, alguns minutos depois, a pergunta é “Por que seus filhos vieram para cá?” e a resposta foi “A mais velha já estava aqui. Ela queria vir, queria estudar. (...) Ela tinha uma prima aqui”. Em outras palavras, primeiro migrou a prima, que depois levou a filha de Neide para lá. A filha levou os irmãos e devido a problemas particulares (narrados com mais detalhes na entrevista), Neide decide ir para tentar uma vida nova e esquecer dos problemas junto de seus filhos e devido a sua escolha, acaba motivando seu irmão a ir junto.

Nas teorias migratórias discute-se que no mundo globalizado não se torna mais possível explicar esses fluxos de pessoas simplesmente como um resultado de uma crise econômica, sendo que a decisão de migrar deixou de ser “solitária” para se tornar uma decisão tomada em conjunto com amigos e familiares, tanto daqueles que já partiram quando daqueles que aqui já ficaram (Assis, 2004). Essa migração em rede é uma maneira de minimizar os

riscos dessa empreitada, que muitas vezes acaba em sequestros, violências e caminhadas no deserto da fronteira. Nas entrevistas realizadas por Santos (2007) isso é visível em sua conclusão: “Sem nenhuma exceção, todos os migrantes foram apoiados por algum parente ou amigo. Desde os preparativos para a viagem até a chegada ao país de destino”. Durante a entrevista de Dino Carminati, citada anteriormente, quando perguntado se seu irmão trouxe outras pessoas para os EUA, ele responde: “depois o meu irmão trouxe várias pessoas e você sabe como é o negócio, um vai trazendo o outro”.

Portanto, o crescimento do movimento migratório está associado também à conjuntura nacional (crise do câmbio, desvalorização do real em relação ao dólar, desemprego) e ainda à crise enfrentada pelo setor cerâmico, indústria muito importante para a economia local (informações da Prefeitura Municipal de Criciúma). Por outro lado, podemos também atribuir esse crescimento ao amadurecimento das redes sociais, as quais homens e mulheres migrantes estão inseridos em diferentes contextos

Considerações finais

Os migrantes criciumenses inserem-se na migração internacional ao longo da década de 90. Assim como os mineiros de Governador Valadares, os catarinenses partiram em direção à “América” com um projeto migratório comum: comprar uma casa, um carro, montar um negócio. Esse fato revela um aspecto interessante das redes sociais que atuam na migração, pois uma parcela dos novos migrantes criciumenses é descendente de italianos e, portanto, têm a cidadania italiana o que abre o mercado de trabalho na Europa. No entanto, em vez de fazerem o caminho inverso, migrando para a Itália, a maioria segue o caminho aberto pelos mineiros, goianos, cariocas e outros brasileiros de diferentes origens regionais partindo rumo à região da grande Boston. Assim, um século depois, os criciumenses repetem a trajetória de seus nonos e nonas, continuando num certo sentido o projeto de “fazer a América”, partindo em direção aos Estados Unidos.

Os criciumenses, assim como os migrantes valadarenses, partem para onde há melhores oportunidades de trabalho, mas fundamentalmente para onde possam encontrar uma rede de apoio para recebê-los tecendo as redes sociais na migração. Esse movimento, relativamente autônomo ao Estado e às forças estruturais, é caracterizado por ser de difícil apreensão, pois é fundamentalmente baseado em laços informais, construídos entre parentes, amigos e conterrâneos, muitas vezes distantes, mas que em terras estrangeiras tornam-se uma referência fundamental.

Assim, procurei apreendê-las analisando o tipo de ajuda dada e recebida por mulheres e homens no processo migratório. Desse modo, as redes sociais acionadas no contexto da migração foram analisadas como práticas sociais que envolvem tipos diferentes de ajuda material, logística, emocional e simbólica que possibilitam aos futuros migrantes partirem com referências mínimas de onde ir, qual o trabalho que irão fazer, com quem vão morar, etc.

Enquanto seus filhos/as e netos/as trabalham pelo mundo, seus/suas “nonos/as” e mães/pais (quando não são eles próprios migrantes) tocam sua vida, preparam a casa para recebê-los, muitas vezes administrando o dinheiro que é enviado. Tais questões sugerem vários arranjos familiares em que as mulheres assumem um *status* peculiar. O contato com o Brasil entre os que emigram e os que ficam é mantido por meio das cartas, fotos, telefonemas, remessas e, mais recentemente, por meio da internet, atualizando e reforçando a idéia do projeto familiar, econômico e afetivo que é a imigração. Dessa forma, o projeto de emigrar não é visto apenas como destruturador das relações familiares (este é um estereótipo recorrente na cidade), mas como uma realidade que possibilita novos arranjos familiares e de gênero.

As conexões possíveis entre os imigrantes e os emigrantes do presente evidenciam-se através dessas redes familiares que demonstram que este projeto individual, em geral está sustentado nas relações familiares, que são muito importantes para todo o projeto desde o momento de preparar para a partida, o apoio emocional e financeiro, até as viagens que os pais fazem para os EUA para matar as saudades, ou as ajudas para arranjar emprego nos locais de destino. Nessas redes as mães, esposas, namoradas, irmãs são muito importantes, pois fazem circular as informações entre os demais membros das famílias. O que se constata tanto daquele que partiram quanto daqueles que ficam é uma tentativa de manter seus laços com o Brasil, com os familiares o que aponta pra uma transnacionalização das relações familiares que se constroem entre os dois lugares.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – São Paulo, 2004, 340p.

_____. Estar aqui...estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Antropologia Social UFSC, Florianópolis, 1995.

CAMPOS, Emerson. Territórios deslizantes: miscelâneas e exibições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002). Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-graduação em História - UFSC, Florianópolis, 2003.

FUSCO, Wilson. Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. Campinas, Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2001.85p.

MARTES, Ana C. B. 1999. Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo, Paz e Terra.

MASSEY, Douglas et al. 1987. The social organization of migration. In: Return to Aztlan: the social process of international migration from Western. Mexico Berkeley: University of California Press, p. 139-171.

PORTES, Alejandro. (ed) 1995. The economic sociology of immigration: a conceptual overview. In: Portes, Alejandro (ed). The economic sociology of immigration. New York: Russel Sage Foundation, p. 1-41

SALES, Teresa, FUSCO, Wilson, ASSIS, Gláucia e SASAKI, Elisa. As redes sociais nas migrações internacionais: os migrantes brasileiros para os EUA e o Japão. Relatório de Pesquisa Fapesp. São Paulo, 2002.

SALES, Teresa. Brasileiros longe de casa. São Paulo, Ed. Cortez , 1999.

SAVOLDI, Adiles. 1998. O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Programa de pós-graduação em Antropologia Social UFSC.

TEIXEIRA, José P. 1996. Os donos da cidade. Florianópolis: Editora Insular. VOLPATO, Terezinha Gasho. 1989. Os trabalhadores do carvão: a vida e as lutas dos mineiros de Criciúma. Departamento de Ciências Sociais Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado,.